

A sexualidade infantil: o estrangeiro na cultura normativo-adaptativa da educação disciplinar

Francisco Carlos dos Santos Filho
Luciana Oltramari Cezar
Claudia Picolotto Concollatto
Valeria Astolfi

RESUMO

A migração no mundo contemporâneo expõe muitas facetas que as relações humanas e sociais revelam frente ao estrangeiro, entre as quais está rechaço. A noção da sexualidade, proposta por Freud como essência da condição humana, pode também converter-se um estrangeiro incômodo e infamiliar a ser rechaçado, sentido como estranho no interior da cultura. Argumenta-se neste ensaio que o conceito de sexualidade, associada ao conceito de inconsciente, ampliaram muito as possibilidades de compreensão do sentimento de estranheza frente a condição de estrangeiridade a tudo aquilo que é diferente. Partimos de estudos da psicanálise, proximoamente relacionados à educação, para aprofundar o entendimento dos processos de discriminação e rechaço à diversidade.

Palavras-chave

Estrangeiro. Sexualidade infantil. Rechaço. Educação. Civilização.

Introdução

Oltramari et al (2023) afirmam que a migração é um fenômeno indissociável das relações sociais, cujo estudo tem demonstrado a necessidade de um pensamento complexo e interdisciplinar. Para contribuir e ampliar a compreensão de modos de perceber e receber o migrante assim como sobre o que vivem e sentem os sujeitos migrantes, apresentamos neste ensaio uma proposta de diálogo com a teoria freudiana da sexualidade infantil, para refletir sobre o rechaço e o estranhamento que o estrangeiro e a sexualidade é capaz de despertar.

Neste contexto, este ensaio parte das descobertas freudianas de que a sexualidade infantil é um elemento constitutivo do psiquismo humano, portanto necessário e estruturante, mas comumente rechaçado, por mecanismos de esquecimento e recalçamento, que não a reconhecem como própria, para argumentar que tais descobertas são úteis na ampliação da compreensão de atos de repulsa, expulsão, discriminação e mesmo violências contra o estrangeiro/diferente.

A sexualidade infantil e a noção ampliada de sexualidade

Com as descobertas sobre o inconsciente e suas formações, como os sonhos, Freud perturbou o sono da era moderna. Descreveu a infância como um tempo de constituição no qual a sexualidade

infantil ocupa um papel central, conforme descreveu, em 1905, nos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*. Foi o primeiro autor a abordar o desenvolvimento infantil sob essa perspectiva, reconhecendo a existência da pulsão sexual na infância. Os *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, juntamente com *A Interpretação dos Sonhos*, figuram entre as contribuições mais significativas e originais de Freud para entendimento do psiquismo humano, causando impacto, estranhamento e rechaço ao revelar que o Eu não é senhor em sua própria casa.

Freud tocou num ponto nevrálgico para todos nós, e por isso foi tão questionado. Esse estranhamento dos adultos com as manifestações da sexualidade infantil, sentida como um estrangeiro, se deve, em grande parte, ao fato de que a sexualidade desses primeiros anos cai sepultada pela amnésia infantil, efeito do mecanismo de recalçamento. Por isso os adultos esquecem que foram constituídos pelas mesmas excitações que estranham e reprimem nas crianças (FREUD, 1905).

Freud propõe uma noção ampliada do conceito de sexualidade, distinguindo-o da noção restrita de genitalidade, e que está na base de tudo que é psíquico. Na teoria freudiana, sexual não é o mesmo que genital, não se refere ao ato sexual propriamente dito. A sexualidade infantil no sentido freudiano é mais ampla que isso e se refere às experiências da criança vividas em relação ao seu próprio corpo ou em contato com o corpo da mãe ou sua substituta. Freud descreve que as sensações sexuais acompanham o desenvolvimento durante o aleitamento, nas atividades ligadas à higiene e à alimentação, e nas trocas de contato, de olhar, de afeto que promovem sensações de prazer na criança (FREUD, 1905, p. 192). História dos nossos vínculos libidinais originários com as pessoas que foram significativas, que inaugura uma nova cartografia corporal, de um corpo organismo a um corpo erógeno, simbólico.

Entretanto, naquela época, a sexualidade infantil era muito mal compreendida, estudada pela medicina que a considerava uma degenerescência ou tara hereditária. Ademais, a interferência religiosa sobre o tema da sexualidade tratava-a como algo pecaminoso, proibido e repulsivo, ainda mais na infância, e, portanto, algo a ser encoberto ou excluído. A escola disciplinar do século XIX pregava uma educação excessivamente capturada por ideais religiosos e a moral cristã incutia nos indivíduos, inclusive nas crianças e jovens, as noções de pecado e culpa diante da vida sexual. Freud, ao teorizar sobre a sexualidade infantil, revelou um conteúdo íntimo e estranho dos seres humanos, sentido como vergonhoso. Contudo, a resistência e estranhamento não eram à Freud ou à psicanálise, mas ao próprio inconsciente e à sexualidade. Assim, as ideias ampliadas sobre a sexualidade infantil (1905) animaram Freud como uma possível e inovadora interlocução da psicanálise com a educação, ele acreditava que ao contribuir com conhecimentos psicanalíticos aos processos educativos, tornaria as ações dos educadores menos repressoras, ampliando a liberdade de expressão, relativizando o

rechaço ao estranho da sexualidade.

Ainda hoje é sabida a dificuldade com que as escolas lidam com as manifestações e os jogos sexuais tão cotidianamente presentes entre as crianças. Pode haver reações adultas mais rígidas e repressoras aos comportamentos e investigações da sexualidade das crianças, explicadas pelas necessidades de repúdio aos próprios desejos infantis inconscientes e recalcos dos adultos ao perceberem as frescas manifestações nas crianças. É provavelmente por isso que, atualmente, a preocupação com a sexualidade assume novamente tons repressores e proscritos, retornando em propostas escolares disciplinares de viés autoritário, com valores conservadores de extrema direita.

Nossos esforços e nossa contribuição ao contexto de estudo desse congresso vai no sentido de compreender um componente a mais das condutas de rechaço e repúdio que comumente se dirige às crianças e às culturas diversas advindas das migrações. Oltramari et al (2023) argumentam sobre a importância das redes de apoio para os imigrantes, pois não se faz rede sem laços de afeto, de respeito e de reconhecimento mútuo. De modo que é preciso trabalhar tanto para construí-los, quanto para combater tudo aquilo que trabalha contra eles.

Assim como fez Freud, ao aproximar a psicanálise da educação, os aportes desse ensaio podem contribuir para os estudos de migração, no que se refere a auxiliar na compreensão da concepção freudiana sobre a vida pulsional/sexual.

Os traços da infância (da sexualidade infantil) permanecem vivos em todos nós, por isso Freud constatou a atemporalidade do inconsciente, dando o nome a essa conservação no inconsciente, de *infantil*. O adulto se esforça para recalcar e esconder de si mesmo o seu *infantil*, a sexualidade infantil, esse estrangeiro interno que habita cada um de nós. O outro estranho primeiro está dentro de nós.

Da instauração da sexualidade infantil ao domínio das pulsões

Sobretudo, para Freud, a sexualidade infantil é base do interesse, da curiosidade e das investigações sobre os enigmas da vida, assim o grande dispêndio de energia para manter a supressão da sexualidade se dá às expensas de um empobrecimento interno e da inibição do pensamento. As pulsões são a força motriz da existência humana e para as necessárias produções culturais civilizatórias. Eros é a força originária de nosso viver e produzir.

Neste sentido, concordamos com Santos (2109) ao dizer que existe em Freud um compromisso muito claro de afirmar que a psicanálise seria muito útil aos educadores para que não incorressem no equívoco de produzir um sufocamento da curiosidade que aflora na criança, que está na origem de

seu afã de investigar e da transposição para sua pulsão de saber. Conhecimento importante para quem trabalha a favor da construção de pensamentos criativos e transformadores. O rechaço à sexualidade através de uma rigorosa moral sexual é inibidora do pensamento e por consequência, da inteligência e da criatividade.

Contudo, Freud tampouco defendia deixar seu livre trânsito, alertando que se a satisfação sexual tivesse sua realização total e sem limites, isso colocaria em risco o Eu e a própria civilização. Algum nível de renúncia deve haver para que haja civilização, tema abordado por Freud e que, em *O mal-estar na civilização* (1930), terá sua exposição mais longa, pois seria “impossível conceder-lhe liberdade de pôr em prática todos os seus impulsos sem restrição” (FREUD, 1932, p. 182). A pulsão sexual é capaz de trocar seu objetivo originalmente sexual por outro, que guarde relação com o primeiro, agora, contudo não mais sexual. A esta operação psíquica Freud chamou “sublimação”.

Assim, na teoria freudiana, a sexualidade seria útil para a civilização, não algo a ser suprimido ou abominado, mas encontrar a medida entre reprimir e permitir. Oferecer outra via, um caminho que levasse a fins culturais mais elevados, contribuiria com a civilização, para a melhora da qualidade de vida e bem-estar das pessoas. A pulsão sexual possui em alto grau a capacidade de ser desviada dos objetivos sexuais diretos e ser dirigida a metas mais elevadas, ficando assim capacitada a efetuar contribuições muito importantes às realizações sociais e artísticas da humanidade. Eis onde se localiza, para Freud, o papel propriamente político das teses psicanalíticas.

Considerações Finais

Freud falou e examinou os fenômenos aqui apresentados desde o espírito de seu tempo, sendo preciso compreender suas formulações a partir do momento científico, histórico e cultural em que viveu. Entretanto, podemos considerar que, com suas proposições, diferenciou-se da maioria. Confrontar e questionar o *status quo* pode ser inoportuno e provocar um contratempo, e foi exatamente isso que Freud não se furtou de fazer, posição científica que nos deixou como legado.

Neste ensaio argumentamos que o repúdio e exclusão com tudo que é diferente e estranho a si mesmo, é um sentimento primitivo que retorna em cada tempo com novas faces. Desde propostas educacionais que condenam as crianças que não se encaixam nos padrões exigidos, imprimindo uma cultura da adaptação e da educação disciplinar a tudo que apresenta algo de diversidade, como as culturas diversas advindas das migrações.

Referências

- DALBOSCO, Claudio Almir; SANTOS FILHO, Francisco Carlos; CEZAR, Luciana. O desamparo humano e a solidariedade formativa: crítica à perversidade neoliberal. **Educação & sociedade** (online). 2022, vol. 43. e244449.
- FREUD, Sigmund. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. (1905). In: **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1980.
- FREUD, Sigmund. Sobre as teorias sexuais infantis (1908). In: **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1980.
- FREUD, Sigmund. Novas conferências introdutórias: Esclarecimento, aplicações, orientações (1932). In: **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1980.
- GIORGIO, Agamben. O que é o contemporâneo? Chapecó: Argos, 2009.
- OLTRAMARI, Andrea Poletto; SCHERER, Laura Alves; FRAGA, Aline Mendonça; PEIXOTO, João; FERNANDES, Duval Magalhães. A Quarta Onda de Imigrantes Brasileiras e Brasileiros em Portugal: Redes, Classe Social e Gênero em Evidência nas Relações de Trabalho. **Revista Gestão & Conexões**, [S. l.], v. 12, n. 1, p. 49–71, Mar. 2023.
- SANTOS FILHO, Francisco Carlos. Educação e Psicanálise: justificativas para a escolha de um caminho de intercâmbio entre as disciplinas. 2019. Artigo não publicado.